

WILLIAM
SHAKESPEARE

A tragédia de Otelo,
o Mouro de Veneza

Tradução, introdução e notas de
LAWRENCE FLORES PEREIRA

Ensaio de
W. H. AUDEN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 2017 by Lawrence Flores Pereira

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

Todos os esforços foram realizados para contatar o artista do pôster da capa. Como isso não foi possível, teremos prazer em creditá-lo, caso se manifeste.

TÍTULO ORIGINAL

Othello

PREPARAÇÃO

Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO

Angela das Neves

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shakespeare, William, 1564-1616.

A tragédia de Otelo, o Mouro de Veneza / William Shakespeare; tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira; ensaio de W. H. Auden. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: Othello.

Bibliografia.

ISBN 978-85-8285-045-9

1. Auden, W. H., 1907-1973. O curinga no baralho
2. Ensaio 3. Shakespeare, William, 1564-1616 — Crítica e interpretação 4. Teatro inglês (tragédia) 1. Pereira, Lawrence Flores. II. Auden, W. H., 1907-1973. III. Título.

16-09297

CDD-822.33

Índice para catálogo sistemático : 1. Shakespeare :

Peças teatrais : História e crítica : Literatura inglesa 822.33

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Lawrence Flores Pereira	7
O curinga no baralho — W. H. Auden	87
Nota sobre o texto	117
Nota sobre a tradução	120
 A TRAGÉDIA DE OTELO, O MOURO DE VENEZA	 131
 <i>Agradecimentos</i>	 261
<i>Notas</i>	263
<i>Abreviações e referências bibliográficas</i>	319

A tragédia de Otelo, o Mouro de Veneza

Os personagens da peça

OTELLO, o “Mouro”, general das forças venezianas
BRABÂNCIO, pai de Desdêmona, um senador veneziano
MIGUEL CÁSSIO, um honrado tenente, segundo em comando
depois de Otelo
IAGO, um vilão, o alferes de Otelo
RODRIGO, um cavalheiro logrado, pretendente de Desdêmona
DUQUE de Veneza
MONTANO, governador de Chipre
LUDOVICO, nobre veneziano
GRACIANO, irmão de Brabâncio, nobre veneziano
PALHAÇO
DESDÊMONA, mulher de Otelo e filha de Brabâncio
EMÍLIA, mulher de Iago e camareira de Desdêmona
BIANCA, uma cortesã, amante de Cássio
SENADORES
MARILHEIRO
MESSAGEIRO
ARAUTO
OFICIAIS
FIDALGOS de Chipre
MÚSICOS
Acompanhantes e servidores

Ato I

CENA I

Entram Rodrigo e Iago.

RODRIGO Chega, nem fala. Não me parece gentil
Que tu, Iago, que tens usado minha bolsa
Como se fosse tua, saibas disso tudo.

IAGO Diacho, você não ouve. Se eu sequer pensei
5 Isso, você pode me abominar.

RODRIGO Disseste
Que tu tinhas ódio dele.

IAGO Ora, despreza-me
Se não for verdade. Três nobres da cidade
Vieram pleitear, de chapéu na mão, que ele
Me nomeasse seu tenente. Pela boa-fé:
10 Sei bem meu preço, não valho posto menor.
Mas ele, flertando com suas pompas e intentos,
Fugiu do assunto com circunlóquios bombásticos,
Horripilantes, prenhes de epítetos bélicos.
E, para concluir, ele declarou
15 Improcedente a minha mediação, dizendo
“*Certes*, eu já escolhi o meu oficial”.
E quem é ele?
Que dúvida, um grandíssimo aritmético,
Certo Miguel Cássio, um florentino, que tem
20 A desgraça de ter as graças de uma esposa,
Que nunca conduziu um esquadrão no campo,

E que entende tanto quanto uma fiandeira
De linhas de batalha — um teorista livresco,
Bom pra aquilo que a gente togada pratica
25 Com mais mestria. É pura prosa, pouca prática
A sua vida militar. E foi ele o eleito,
E eu, cujas provações os olhos dele viram
Em Rodes e em Chipre e em outras terras, cristãs
Ou gentis, fico sem vento e à deriva, por causa
30 De um escriturário. Esse conta-níquel logo
Será seu tenente, e quanto a mim — Deus me tenha —
Serei só o alferes de Vossa Mourecência!

RODRIGO Eu preferiria ser o carrasco dele.

IAGO Não tem remédio. Essa é a praga do serviço,
35 As promoções se dão por gosto e indicação,
Não por tempo e por gradação, quando um segundo
Herda de um primeiro. Então diga, julgue bem,
Se há qualquer razão plausível para eu estimar
O Mouro.

RODRIGO Não há, nem eu mesmo o seguiria.

40 IAGO Senhor, fique tranquilo.
Se eu o sigo, é para servir-me às custas dele.
Nem todos podem ser mestres, nem todo mestre
Pode ser realmente seguido. Há lacaios,
Desses bem prestativos que dobram os joelhos,
45 Tão contentes na sua serventia solícita
Que, feito asnos do amo, destroçam a vida
Só por uma razão. Envelheceu? Pra rua!
Relho nessa gente honesta! E há ainda outros
Que, cheios dos gestos e jeitos do dever,
50 No fundo só fazem é servir a si próprios,
E dando mostras de bom serviço aos seus mestres,
Sabem lucrar. E, assim, forrando os bolsos, honram
A si próprios. É gente que tem certa seiva,
E sangue — e eu me incluo no tipo. Pois, senhor,
55 Isto é tão certo quanto o senhor é Rodrigo,
Se acaso eu fosse o Mouro, eu não seria Iago.

- Se eu o sigo, na verdade eu sigo a mim mesmo.
E o céu sabe, não é amor, não é dever,
E se parece ser, é em prol dos meus intuitos.
60 Pois se as minhas ações exteriores mostrarem
Meus atos inatos, meu vero coração
Exposto à clara luz, vai ser rápido até
Que eu entregue às gralhas meu coração desnudo,
Pra que o espicacem. Eu não sou o que sou.
65 RODRIGO Que grande fortuna deve ter o beiçudo
Pra levar as coisas assim.
IAGO Chame o pai da moça,
Vá acordá-lo, não o largue, infecte a paz do velho.
Acuse o Mouro nas ruas, incite a família,
E embora ele viva em plagas fecundas,
70 Jogue-lhe moscas. Ele é alegre, tem seus gozos,
Mas vá, ponha ali umas afrontas, uns vexames,
E os gozos perderão a cor.
RODRIGO Aqui, essa é a casa do pai, eu vou chamá-lo.
IAGO Dê um desses gritos horríveis, apavorados
75 Como quando, por arte da noite e do desleixo,
Um incêndio é avistado nas grandes cidades.
RODRIGO Olá, Brabâncio! Ô, senhor Brabâncio, eia!
IAGO Ô, acorda, Brabâncio. Ladrões, ladrões. Cuida
Da tua casa, cuida a tua filha, e os teus cofres!
80 Ladrões! Ladrões!

Brabâncio aparece na janela acima.

- BRABÂNCIO O que foi? Por que esses gritos horríveis?
O que aconteceu?
RODRIGO *Signor*, a sua família está dentro de casa?
IAGO Estão trancadas as portas?
BRABÂNCIO Por que a pergunta?
85 IAGO Cristo! O senhor foi roubado, vista o casaco!
O senhor foi golpeado na alma, no peito.
Agora, nesse instante, um carneiro preto, velho

Está cobrindo a sua ovelha branca. Levante,
Toque o sino, conclame essa gente roncando —
90 Ou o demônio vai transformá-lo em avô,
Levante, vamos.

BRABÂNCIO O quê... Estão ficando loucos?

RODRIGO Ilustre *signor*, reconhece minha voz?

BRABÂNCIO Eu não, quem você é?

RODRIGO O meu nome é Rodrigo

BRABÂNCIO Tu não és bem-vindo:

95 Eu já te proibi de rondar minhas portas:
Já te falei com franqueza que minha filha
Não é para ti. Mas agora, ensandecido,
Cheio de comida e encharcado de aguardente,
Vens aqui perturbar minha tranquilidade
100 Com essa bravata perversa.

RODRIGO Senhor, senhor —

BRABÂNCIO Tu podes ter toda a certeza
Que eu tenho porte e posição pra tornar isso
Bem amargo para ti.

RODRIGO Calma, meu senhor.

BRABÂNCIO Que história é essa de roubo? Aqui é Veneza;
105 Minha casa não é uma granja.

RODRIGO Digno Brabâncio,
Eu venho ao senhor com alma simples e honesta.

IAGO Santa chaga, o senhor é uma dessas pessoas que, no
caso do demônio lhe pedir, desiste de servir o nosso
bom Deus. Agora, só porque viemos lhe prestar um fa-
110 vor, já acha que somos baderneiros e deixa a própria
filha ser montada por um cavalo da Barbária; não de-
mora, o senhor vai ter sobrinhos relinchando para o
senhor, corcéis por primos e petiços por parentes.

BRABÂNCIO Mas que espécie de canalha profano tu és?

115 IAGO Sou aquele que veio lhe dizer que sua filha e o Mouro
estão agora fazendo a besta de oito patas.

BRABÂNCIO Tu és um canalha.

IAGO E o senhor, um senador.

BRABÂNCIO Responderás por isso. Eu te conheço, Rodrigo.

RODRIGO Sim, respondo, senhor. Mesmo assim eu pergunto.

120 ^FSe é com seu aval e sábio assentimento,
 Como acredito que seja, que sua filha foi,
 Em meio ao lusco-fusco e às rondas noturnas,
 Conduzida daqui por ninguém mais nem menos
125 Até o abraço bruto de um mouro lascivo —
 Se está ciente disso e com isso consente,
 Nesse caso fomos injustos e insolentes.
 Mas, se não está, a boa educação me diz
 Que sua repreensão foi injusta. Não pense
130 Que, largando toda a urbanidade, eu viria
 Debochar e zombar de Vossa Reverência.
 Sua filha, se o senhor não lhe deu permissão,
 Incorreu, eu repito, em grave rebeldia,
 Ao atar seu juízo, dote, dever e encanto
135 A um forasteiro errático e extravagante
 Que é daqui e de tudo o que é lugar. Confira:^F
 Se ela estiver no seu quarto ou em sua casa,
 Lance então contra mim, por tê-lo enganado,
 A justiça do Estado.

BRABÂNCIO Ô! Acendam os pavios!

140 Tragam uma vela! Chamem toda a minha gente!
 Esse incidente se parece com meu sonho.
 Somente imaginá-lo já me põe aflito.
 Luz! Aqui: Luz!

Brabâncio sai.

IAGO Até mais. Preciso deixá-lo:

145 Não é bom, nem saudável em minha posição
 Que eu seja posto frente a frente com o Mouro,
 Que é o que ocorrerá, se eu ficar. Sei que o Estado
 Por mais que venha a fustigá-lo e repreendê-lo,
 Não pode dispensá-lo sem risco. Já está

Tão metido nas urgências das guerras cíplicas
150 Agora em curso, que, pra salvação geral,
Outro não possuem da mesma envergadura
Pra chefiar o serviço deles. E sendo assim,
Ainda que eu o deteste mais que as chagas do inferno,
Seguindo as conveniências do presente, tenho
155 Que mostrar as bandeiras e pendões do amor
Que não passam de sinais. Se queres encontrá-lo,
Monta uma busca e vai até o Sagitário
E lá eu estarei com ele. Então, adeus.

Sai.

Entram Brabâncio de camisola e criados com tochas.

BRABÂNCIO O mal está confirmado. Ela se foi, se foi.
160 E tudo que virá no meu tempo de vida
É a mais pura amargura. Agora, Rodrigo,
Onde foi que a viste? — Oh, pobre menina! —
Disseste, com o Mouro? — Quem vai querer ser pai? —
Tens certeza que era ela? — Sim, me enganou
165 Completamente. — O que ela te disse? — Mais velas!
Acordem a família. — Achas que estão casados?

RODRIGO Acho que sim, senhor.

BRABÂNCIO Céus, como foi que escapou? Trair o seu sangue!
Pais, não confiem nas intenções das suas filhas
170 Por aquilo que as viram fazer. Há feitiços,
Sim, que podem abusar da honra e do decoro
De uma jovem... Não leste nada sobre isso,
Rodrigo?

RODRIGO Sim, senhor, li.

BRABÂNCIO Chamem meu irmão! —
Se ao menos tu a tivesses levado! — Sigam
175 Por aqui. E vocês por ali. — Tens ideia
De onde podemos achá-los, ela e o Mouro?

RODRIGO Eu creio que posso encontrá-lo, se o senhor
Providenciar uma boa escolta e vier comigo.

BRABÂNCIO Vai na frente, vou conclamar todos nas casas,
180 Vão seguir meu comando. Tragam as armas, vamos!
E convoquem os oficiais da ronda noturna!
Vamos, Rodrigo. Terás minha recompensa.

Saem.

Ato I

CENA II

Entram Otelo, Iago e séquito com tochas.

IAGO Embora na guerra eu tenha matado homens,
Creio que o cerne da consciência consiste
Em não tramar assassinatos. E, às vezes,
Me falta a útil iniquidade. Nove ou dez vezes
5 Pensei em golpeá-lo embaixo das costelas.

OTELO Melhor assim.

IAGO Mas estava tagarelando,
Dizia tanta coisa baixa, vil e provocante
Contra a sua honra,
Que, com o pouco de piedade que possuo,
10 Não foi fácil me conter. Mas, então, o senhor
Realmente se casou? Permita-me lembrá-lo:
Seu sogro, o Magnífico, é bastante benquisto,
E a voz dele tem duas vezes mais poder
Que a voz do próprio Duque. Ele vai divorciá-los,
15 Vai impor todo tipo de controle e estorvo
Que a lei lhe permitir e que ele tiver poder
De efetivar.

OTELO Ora, deixe-o com seu rancor.
Os meus serviços, que eu prestei à *Signoria*,
Falam mais alto que suas queixas. Ninguém sabe —
20 E isso só vou revelar se um dia for honroso
Se gabar — mas minha essência e vida derivam

De linhagens de reis, e meus méritos podem
Falar de igual para igual com o bom destino
Que eu conquistei. Pois fique sabendo, Iago,
25 Se eu não amasse tanto a gentil Desdêmona,
Eu nunca, por nada no mundo, cercaria
Minha livre condição com essas balizas,
Dentro desses confins. Está vendo estas luzes?

Entram Cássio e oficiais com tochas.

IAGO Lá vem o pai enfurecido com sua gente.
30 Melhor entrar.
OTELO Não, deixe que eles me encontrem:
Meu valor, meu título, minha alma perfeita,
Servirão de apresentação. São eles mesmos?
IAGO Por Jano! Acho que não.
OTELO São os servidores do Duque? É o meu tenente?
35 Que a noite vos abençoe, amigos! Quais são
As notícias?
CÁSSIO Eu trago saudações do Duque,
General, que requer sua mais urgente presença
Nesse mesmo instante.
OTELO Sabe do que se trata?
CÁSSIO Algo envolvendo Chipre, pelo que pressinto;
40 Algo de certa urgência: as galés enviaram,
Só esta noite, em sequência, doze mensageiros,
Um depois do outro. Muitos dos senadores,
Acordados às pressas, já estão na presença
Do Duque. O senhor foi chamado com urgência,
45 Mas como não o encontraram em seus aposentos,
O Senado enviou buscas em três direções
À sua procura.
OTELO Foi bom que tu tenhas me achado
Antes. Eu só vou tratar de algo aqui em casa,
Já vou contigo.

Pois se um ato destes não sofre apuração
Vamos ser governados por servos e pagãos.

Saem.

Ato I

CENA III

Entram o Duque e os senadores, sentados à mesa, com lâmpadas, oficiais e acompanhantes.

DUQUE Não há nada de consistente que dê crédito
A essas notícias.

SENADOR 1 Sim, são disparatadas.
Esta carta fala de cento e sete naus.

DUQUE A minha, cento e quarenta.

SENADOR 2 A minha, duzentas.

5 Entretanto, mesmo que as cifras não se ajustem —
E nestes casos, quem informa é a conjectura
Com suas discrepâncias — elas todas confirmam
Uma frota turca avançando contra Chipre.

DUQUE É possível... e é o que basta para deliberar.

10 Eu não me fio tanto nas inconsistências,
Mas, quanto ao informe principal, eu o aprovo
E com muita apreensão.

MARINHEIRO Ô, atenção! Ô! Ô!

Entra o Marinheiro.

OFICIAL Um mensageiro dos galeões.

DUQUE Qual é o problema agora?

15 MARINHEIRO A frota turca se pôs em direção a Rodas,
E isso o *Signor* Angelo me solicitou
Que o relatasse ao Estado.

DUQUE E agora, o que me dizem
Dessa mudança?

SENADOR I Não, não pode ser, não faz
Nenhum sentido. É só um cortejo teatral
20 Pra desviar nossa atenção. Temos de lembrar
Da importância de Chipre para o grande Turco,
E não esquecer que essa ilha, além de ter
Mais interesse para o Turco do que Rodes,
Pode ser conquistada com facilidade,
25 ^FQuer por não se encontrar em prontidão de guerra,
Quer porque carece inteiramente dos meios
Que Rodes possui. Estudemos bem o caso,
Não vamos pensar que o Turco é tão inábil
Que vá deixar pra o fim o interesse primeiro,
30 Renegando um ataque fácil e rendoso
Para se lançar em perigos improfícuos.
DUQUE Não^F, com certeza, ele não vai para Rodes.
OFICIAL Há mais notícias chegando.

Entra um Mensageiro.

MENSAGEIRO Os otomanos, graciosíssima eminência,
35 Singrando o mar com as proas retas para Rodes,
Reuniram-se lá com uma nova frota.
^FSENADOR I Como tinha pensado... São quantos
galeões?^F
MENSAGEIRO Uns trinta veleiros; e já estão voltando as
proas
Na direção contrária, ostentando com alarde
40 Que avançam sobre Chipre. Enviou esse relato,
Mostrando franco dever, o *Signor* Montano,
Servidor vosso valoroso e fidelíssimo,
Que pede ao senhor que lhe conceda dispensa.
DUQUE Então está certo: eles vão pra Chipre.
45 Marcus Luccicos não está na cidade?
SENADOR I Ele está em Florença agora.
DUQUE Escreva para ele de nossa parte e despache com
urgência.

SENADOR I Eis Brabâncio chegando e o valoroso Mouro.

Entram Brabâncio, Otelo, Cássio, Iago, Rodrigo e Oficiais.

50 DUQUE Bravo Otelo, temos de usá-lo imediatamente
Contra o grande inimigo nosso, o Otomano.
(a Brabâncio) Senhor, não o tinha visto. Seja bem-vindo.
Sentimos falta esta noite de seus conselhos.

BRABÂNCIO E eu, dos seus. Vossa Graça há de me perdoar,
55 O que me tirou da cama não foi meu posto,
Não foi assunto de Estado. Nem o zelo público
Se apoderou de mim, pois minha dor pessoal
É de natureza tão vasta e esmagadora
Que acaba devorando todas as outras mágoas,
60 Sem se modificar.

DUQUE Por quê? Qual é o problema?

BRABÂNCIO Minha filha, ah, filha!

SENADOR I Morreu?

BRABÂNCIO Sim, pra mim:

Ela me foi roubada... abusada, corrompida
Por filtros, amávios, comprados de embusteiros,
Pois nunca que sua essência, sem um feitiço,
65 Faria erro tão crasso,^F e ela jamais
Foi deficiente, cega nem tola.^F

DUQUE Quem perpetrrou esse crime vil, e divorciou
Sua filha de sua essência, e um pai, de sua filha,
Peço ao senhor que, usando o seu próprio juízo,
70 Vá e leia o que diz, com palavras amargas,
O livro atroz da lei. Sim! Mesmo que meu filho
Esteja envolvido.

BRABÂNCIO Agradeço humildemente.

Aqui está o homem, o Mouro, que, ao que parece,
Foi trazido aqui por mandato seu que envolve
75 Questões de Estado.

TODOS Nós lamentamos por isso.

DUQUE (para Otelo) E o senhor, tem algo a dizer em sua

defesa?

BRABÂNCIO Não tem, pois são esses os fatos.

OTEOLO Potentíssimos, graves e augustos senhores,

Nobríssimos mestres meus, bons e veneráveis.

80 É verdade, eu roubei a filha desse ancião,

É bem verdade. E me casei com ela também.

Foi essa a escala, o tamanho do meu delito —

E nada mais. Minha fala é rústica e pouco

Agraciada com o brando fraseado da paz,

85 Pois desde o ardor dos sete anos até nove

Luas gastas aqui, meus braços foram usados

Em ações valorosas nos campos, nas tendas,

E pouco desse ancho mundo posso falar

Salvo das façanhas no tropel das batalhas.

90 E assim pouco ajudo minha causa se eu mesmo

Falo em meu favor. Mas peço a vossa paciência,

Que vou contar a história simples e despojada

De meu amor: com que drogas, com que feitiços,

Com que conjuros e com que forte magia —

95 Pois estas são as práticas de que me acusam —

Conquistei sua filha.

BRABÂNCIO Uma jovem sem arrojos,

De alma tão quieta e calma que até em seus gestos

Se via seu pudor. E apesar de sua índole,

Idade, do berço, seu renome, de tudo,

100 Amar algo que ela tinha nojo de olhar?

É juízo muito torto, estropiado o que diz

Que a perfeição pode errar assim contra as leis

Da natureza. Esse juízo tem que entender

Que é pelas práticas finórias do inferno

105 Que isso aconteceu. Assim afirmo de novo,

Ele a manipulou, injetando em seu sangue

Poderosas poções ou mágicos licores

De análogo efeito.

DUQUE Afirmar não é provar.

É preciso evidências mais fortes e explícitas